

Artigo de Pesquisa

INTERMEDIANDO REPRESENTAÇÕES ÀS MARGENS DOS ESTEREÓTIPOS DO TEMPO E ESPAÇO**Intermediating representations to the margins of the stereotypes of time and space**Leonardo Luiz Silveira da Silva¹

¹ Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Departamento de Ensino, Salinas-MG, Brasil.
leonardo.silveira@ifnmg.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7082-529X>

Recebido em 14/09/2021 e aceito em 14/03/2022

RESUMO: Travando uma discussão epistemológica, o artigo em questão defende que as intermediações discursivas são formas de mitigar as incompletudes das representações. Parte do pressuposto de que mente e matéria fazem parte de um entrelace indissociável, o que justifica a importância da reflexão quanto às representações. O ponto de partida para a compreensão da incompletude das representações é a consideração que estas suprimem uma quantidade expressiva da experiência temporal e espacial, reproduzindo imagens que são fortalecidas nas relações de afeto. Destaca-se, também, que frequentemente o intelectual cai em uma espécie de armadilha paradoxal: ao desconstruir estereótipos no interior de uma dada temática, há uma tendência à generalização e à elaboração de tipologias que estereotipam a pluralidade imaginativa. São estes problemas discursivos que o artigo busca abordar.

Palavras-chave: Representações; Estereótipos; Imaginação; Tempo; Espaço.

ABSTRACT: The article in question defends, through an epistemological discussion, that the discursive intermediation is an interesting path to mitigate the incompleteness of the representations. It starts from the assumption that mind and matter are part of an inseparable interweaving, which justifies the importance of reflection regarding representations. The starting point for understanding the incompleteness of representations is the consideration that they suppress a significant amount of temporal and spatial experience, reproducing images that are strengthened in the relationships of affection. It is also noteworthy that the intellectual often falls into a kind of paradoxical trap: in the act of deconstructing stereotypes within a given theme, there is a tendency to generalize and to elaborate typologies that stereotype the imaginative plurality. It is these discursive problems that the article seeks to address.

Keywords: Representations; Stereotypes; Imagination; Time; Space.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma discussão essencialmente epistemológica sobre um tema nevrálgico das geografias imaginativas: as intermediações discursivas das expressões imagéticas sobre povos e espaços. Em meio a esta discussão,

objetivamos defender o ponto de que a crítica quanto àquilo que se vê como expressão espacial estereotipada pode penetrar em uma espécie de paradoxo: ao propor tipologias ou classificações que pretendem esgotar a miríade de representações produzidas por outrem, por vezes os intelectuais cometem o deslize de se expressar de forma tão totalizante quanto às imagens que criticam. Ademais, nosso arcabouço teórico defende o fato de que qualquer representação é incapaz de espelhar a realidade. Essencialmente intangível, a realidade exige a abrangência da totalidade espaço-temporal, sendo necessária a intermediação discursiva como postura mais adequada para nos libertarmos dos vícios das tradições positivistas¹ que vivem – ainda que como reminiscências sufocadas – no pensamento das ciências humanas.

Partimos do pressuposto que a expressão de imagens – quaisquer sejam os meios textuais e/ou pictóricos – são representações², que podem se apresentar como manifestações materiais (como esculturas, dioramas) e imateriais (como narrativas). Percebendo a descrição da paisagem como ato representativo, nomes ligados à nova geografia cultural propuseram metáforas representacionais paisagísticas: texto (ROWNTREE, 1986; 1988; COSGROVE; JACKSON, 1987; DUNCAN; DUNCAN, 1988; FOLCH-SERRA, 1989; COSGROVE, 1990a; NAME, 2010), biografia (MEREDITH, 1985), documento (SCAZZOSI, 2004) espetáculo (COSGROVE, 1990b; DANIELS, 1992; DEBORD, 1997), carnaval (COSGROVE, 1989) e teatro (COSGROVE, 1989; COSGROVE, 1990b). Já o sueco Torsten Hägerstrand (1982) sugere a palavra diorama como uma analogia importante para a representação da paisagem. É importante ter em mente que, assim como qualquer imagem, as representações são analogias do real (ALEGRIA, 2010).

Outro pressuposto é que as representações invariavelmente suprimem a experiência histórica e a geográfica. A supressão da experiência histórica é caracterizada pelo fato do autor de uma dada representação esquecer do tempo em movimento ao congelar imagens e promover rupturas com a análise diacrônica. A expressão “supressão da experiência histórica”, utilizada por Edward Saïd (2007) para criticar representações orientalistas, destacou em sua concepção seminal o fato de que as

¹ A tradição positivista está vinculada à própria institucionalização da geografia enquanto ciência, em meados do século XIX, bem como ao momento pós Segunda Guerra Mundial, sob a nomenclatura de “neopositivismo”. Destaca-se nesta tradição a busca pela legitimação científica por intermédio da utilização de métodos das ciências naturais (SMITH, 1979; JOHNSTON, 1986; HARVEY, 1986; CAPEL, 2013).

² Como a etimologia da palavra sugere, a representação é uma tentativa de tornar presente algo que é ausente (ANKERSMIT, 2000). Trazer algo para o terreno da interpretação, em um exercício em que a materialidade e a imaterialidade se confundem. As representações são intertextuais, no sentido em que sua essência é relacional. Sua configuração depende de outras representações. Nesse sentido “um contato direto com aquilo que é representado é impossível, pois esse contato sempre é mediado por outras representações e pela história representacional. Assim, as representações podem ser vistas como repressoras daquilo que é representado” (ANKERSMIT, 2000, p.157). Tim Ingold (2010), em lógica similar, afirma que o conhecimento cultural não é encarnado nas representações, pois “em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que representam aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos ressoam com os de seu ambiente” (INGOLD, 2010, p.21). Assim, podemos considerar a representação como agência, mas não como uma variável estável imune ao tempo, espaço e à experiência individual.

imagens atuais do Oriente tendem a buscar temporalidades já recessivas em detrimento de formas dominantes contemporâneas³; ou seja, imagens de um período clássico marcado por haréns e eunucos prevalecem frente a muitas outras possíveis e mais representativas da vida cotidiana (SILVA, 2013; 2016). Já a “supressão da experiência geográfica” foi proposta por Silva (2018) numa clara paráfrase à Saïd, mas com utilidade pedagógica particular: refere-se às generalizações espaciais que ignoram a diversidade do espaço a favor de uma imagem que seja totalizante e com força de representação regional. As alardeadas supressões fazem parte do dilema perceptivo-descritivo da geografia; fala-se em segredos da paisagem como forma de aludir as limitações nesta seara (SILVA, 2020a).

O tempo e o espaço são dimensões que se entrelaçam e não devem ser analisadas de forma apartada (BAKER, 1981; LANGTON, 1988; BARROS, 2005; 2006; GRATALOUP, 2006; CASEY, 2007; OLIVEIRA, 2013; CORRÊA, 2016; HAESBAERT, 2021). Em uma lúcida interpretação, Homi Bhabha (2013) argumenta que as identidades são formadas a partir de fendas no espaço e adiamentos no tempo. Com isso quis dizer que fragmentos do espaço se unem no todo identitário, como uma colagem de espaços descontínuos; ao mesmo tempo, distintas temporalidades não lineares integram o ser. É como se uma quimera composta de distintos *genius loci* e *zeitgeists* constituísse o conteúdo que anima uma dada excepcionalidade ambulante. Bhabha (2013) nos inspira a considerar que as representações, assim como as identidades, são espacialmente fendidas e temporalmente adiadas. Stuart Hall (2013), por sua vez, ajuda-nos a pensar que as representações, assim como ocorre com a transmissão cultural, se dá num processo de repetição-com-diferença e reciprocidade-sem-começo.

Qual é a importância, no âmbito da geografia, da reflexão sobre as representações? Esta resposta passa pelo entendimento de que mente e matéria não podem ser apresentadas de forma apartada (COSGROVE, 1978; WILLIAMS, 1981; INGOLD, 1993; MURDOCH, 1997; GRAHAM, 1998; ANDERSON, 2004; BERQUE, 2012; 2017; SILVA, 2020b). Augustin Berque (2012; 2017) cunhou os termos *trajeção* e *geogramas* justamente para lidar com a dialética mente-matéria. O autor considera que as ideias interferem no plano material que, por sua vez, interfere nas ideias. Desta forma, avançando numa paráfrase nem tanto deslocada: as representações são capazes de interferir no plano material, pois alimentam as relações afetivas; *ipso facto*, o plano material permanentemente assediado pelas ideias interfere nas representações. Por isso assumimos que discutir as geografias imaginativas não é o mesmo que promover elucubrações vazias, aprisionadas em sonhos inertes. Imagens não são estéreis; *au contraire*, fertilizam a materialidade mundana.

AS GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS E O PAPEL AFETIVO

³ Destacou-se a crítica de Saïd (2007) a Bernard Lewis (2002; 2003; 2004, 2010) um dos seus acusados de suprimir a experiência histórica. Para Edward Saïd, a supressão da experiência histórica é um dos dogmas do orientalismo.

A bacia do Congo foi imaginativamente criada pela maestria discursiva de Joseph Conrad (2010); o *Coração das Trevas* era um lugar de exotismo e ameaça, onde o europeu via “o próprio passado” por intermédio do nativo africano, em uma visão influenciada pela antropologia evolucionista. O *Conto de Natal* de Charles Dickens (2003) – lançado originalmente em 1843 – foi capaz de consolidar certos procedimentos natalinos que passaram a impregnar a mentalidade ocidental, mostrando de que forma as ideias – mesmo sendo apresentadas como ficção literária – impactam nas práticas. As grandes obras literárias e pictóricas deixam legados em múltiplas frentes. Participam da experiência do leitor/observador e, em alguma medida, impactam na sua concepção sobre certa porção do espaço e os indivíduos a ela atrelados (HUDSON, 1982). É comumente aceito o fato de que os grandes escritores conseguem, por meio de seu ofício, modificar e dar forma na maneira em que as pessoas percebem o espaço geográfico (EDWARDS, 2019). São mecanismos muito similares às estratégias discursivas da missão civilizadora, que outrora validavam ética e moralmente as incursões colonizadoras europeias no novo mundo (WALLERSTEIN, 2007); se o mundo colonial ruiu, o neocolonialismo e práticas imperialistas ainda prosperam, reanimando as elaborações pejorativas de outrem como forma de justificar políticas contemporâneas (SILVA, 2013).

Certamente o domínio das representações não abriga a dicotomia mocinhos *versus* bandidos. Afinal, o etnocentrismo é um traço humano comum (TUAN, 1980; LARAIA, 2009) e o senso de diferença produz estes estranhamentos (TUAN, 1986) que acabam sendo mecanismos de validação e fortalecimento cosmológico. Quando fala na geografia humanista acerca das diferenças entre *insiders* e *outsiders* (RELPH, 1976) são refletidas questões sobre as diferentes adesões entre identidades e espaços que sustentam cosmologias em conflito. Para além de uma questão centrada nas divergências nas visões do mundo, destaca-se também de que forma o arranjo cultural/cosmológico pode também favorecer determinado *status quo* político social (SILVA, 2020c): a *prima facie*, uma das preocupações da nova geografia cultural foi compreender de que forma as representações podem operacionalizar relações de opressão (MITCHELL, 1995) e apartar classes.

Considerando a pluralidade imaginativa, não surpreende as discussões realizadas acerca da arbitrariedade de conceitos bastante utilizados pela geografia: regiões (HARTSHORNE, 1978; HEATWOLE, 1978; BALE, 1983; AGNEW, 1999; 2013; SILVA; COSTA, 2020a), períodos (WILCOCK, 1954; WISHART, 2004), classes (THOMPSON, 1987; SILVA; COSTA, 2020a), raça (GILROY, 1998), cultura (MITCHELL, 1995; SILVA; COSTA, 2018a, 2018b; 2020b; 2020c; SILVA; COSTA; MATOS, 2021), limites, fronteiras (SILVA; SILVA, 2020), nações (ANDERSON, 2008) e Estados (OHMAE, 1999) foram sabatinados em âmbito epistemológico. As críticas centram-se nas abordagens estritamente materiais destes conceitos que ignoram as subjetividades e as formas pelas quais as ideias atuam em âmbito dialético na modificação da materialidade. Isto significa assumir que estes conceitos são intangíveis, sujeitos à apreciação intersubjetiva. Isto não significa dizer que não existe materialidade, o que seria injusto até mesmo com abordagens acentuadamente idealistas; a posição que assumimos aqui é a lembrança acerca do entrelace mente-matéria.

O conceito de afeto, muito utilizado nas recentes teorias não-representacionais (TNRs), é eficaz para a compreensão da dialética mente-matéria. O conceito tem sido encontrado em trabalhos que lidam com as emoções (PILE, 2010), apesar de não se constituir como um sinônimo destas (THRIFT, 2000; THIEN, 2005). O afeto é construído na relação entre elementos humanos e não-humanos, e é constituído pela visão de mundo em movimento gerada pelas redes de relacionamento cotidiano (ANDERSON, 2017). O afeto não pode ser demonstrado ou plenamente compreendido (PILE, 2010). Nesse sentido, o afeto pode estimular eventos que no ato de sua ocorrência expressam mais do que as suas causas aparentes. Assim, as representações sempre falham em relação ao afeto, pois este excede a fixidez e a contenção. Deste modo, as representações participam do afeto, mas não o explicam. É importante notar que o afeto se encontra inserido na dialética mente-matéria, pois é justamente o resultado entre as suas relações entrelaçadas. O conceito de afeto auxilia-nos a consolidar a concepção de que a imaginação impacta na materialidade e contribui para a compreensão da agência humana. No próximo tópico discutiremos como se dá este processo.

OS ESTEREÓTIPOS: ENTRE IMAGENS E MATERIALIDADE

O pós-colonialismo estuda de que forma as representações muito poderosas do período colonial deixaram marcas ainda visíveis nas práticas cotidianas de sociedades inseridas em estados que obtiveram sua independência de *jure*. A Turquia é um ponto de transição e tensões entre Ocidente e Oriente. O quadro natural do país aponta para diferenças da umidade: a tendência é que o oeste mais próximo ao continente europeu apresente maior umidade que a porção leste da Anatólia. Esta associação produziu significados paisagísticos deterministas, que de certa forma se mostram presentes em algumas representações: há a associação entre a presença do verdejante ao desenvolvimento social e a chamada “civilização” e os cenários áridos do Oeste se associam ao atraso e barbárie. Não é de se estranhar que – *pari passu* ao movimento contemporâneo de inserção turca no cenário europeu – haja uma tentativa de “verdejar” a Turquia, movimento mais notável no Oeste por meio de práticas de arborização e inserções de jardins (HARRIS, 2014). Entretanto, este exemplo, assim como os demais que seguem neste tópico, não significa que por trás de imagens poderosas repouse uma massa de pessoas produzindo e reproduzindo as mesmas imagens e representações. É de se destacar, contudo, que em doses sortidas essas imagens poderosas afetam corações e mentes. É muito importante termos como pressuposto que as representações são colocadas em um campo de batalha envolvendo versões.

Em *Pele Negra Máscaras Brancas*, Frantz Fanon (2008) traz dois exemplos poderosos das imagens repercutindo no plano material que desejamos destacar: o primeiro é acerca das tentativas de imigrantes de modificar o seu sotaque buscando ser aceitos como “genuínos cidadãos europeus”; o segundo refere-se às entrevistas que guiou com prostitutas que puderam indicar de que forma a fetichização do negro interfere no orgasmo das entrevistadas. Em *Condenados da Terra*, o mesmo Fanon (2005) refere-se à sanha do colonizado em ocupar o lugar do colono, o que em parte

explicava o comportamento vigilante e sempre desconfiado nas tensões relacionais coloniais. Mitos se replicaram nos discursos coloniais, como o do nativo preguiçoso (ALATAS, 1977). Certamente, o mundo colonial também exibe uma batalha de representações; não é de se surpreender que se reflita sobre o retrato do colonizado e do colonizador (MEMMI, 1977).

As pinturas orientalistas exploram uma miríade de símbolos, alguns dos quais frequentes nas obras de pintores europeus diferentes: o eunuco, o narguilé, o árabe comerciante, a aridez, o dromedário, o camelo e o harém. Este último, em um misto de exotismo e pujança, explora a mulher de sensualidade irrefreável em arquétipos não raramente localizados na mulher europeia típica, como se vê em *Une piscine dans le harem* de Jean-Léon Gérôme (Figura 1).

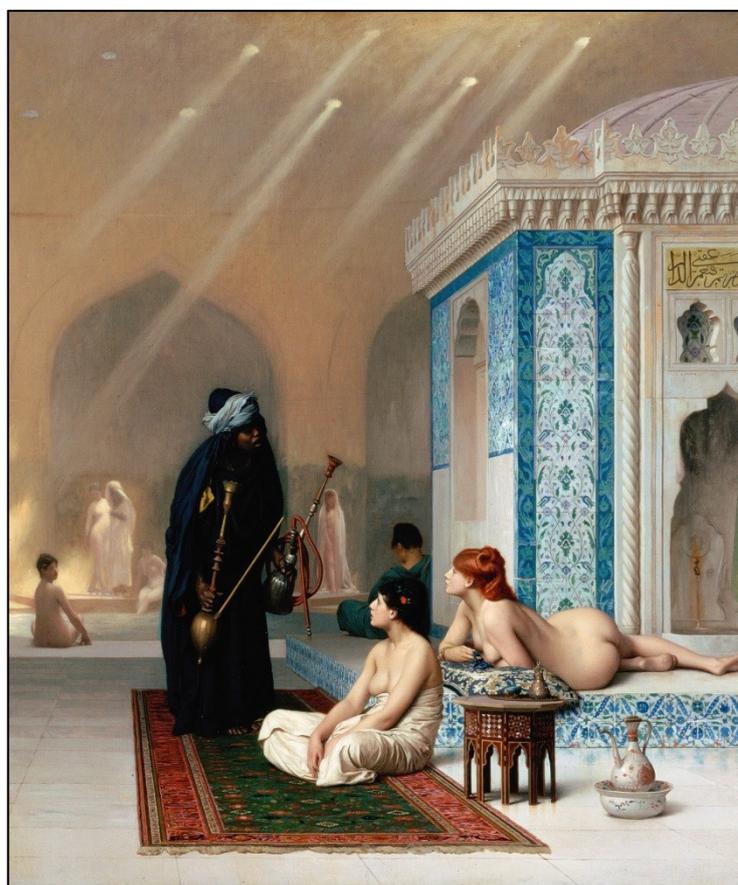


Figura 1. GÉRÔME, Jean-Léon. *Une piscine dans le harem*. 1876, óleo em tela, 73,5 x 62 cm. **Fonte:** Hermitage Museum.

Como é possível joeirar as representações tais como as tidas como orientalistas do plano da agência humana? Vistos de diferentes lentes, os estereótipos manifestos nas representações são problematizados na academia. A geografia humanista, a geografia crítica e o pós-colonialismo são pontos de partida interessantes para compreender a natureza das críticas aos estereótipos, ainda que haja a necessidade

de entendermos que as correntes de pensamento são rótulos que possuem finalidade didática de organizar o pensamento; é panglossiano crer as correntes sejam capazes de serem vistas como dogmatismos impenetráveis, não cambiáveis e, *ipso facto*, dotado de limites rígidos em seu escopo. Há de se alertar que existem inúmeras outras formas de problematizar as representações; confiamos, todavia, que estas que aqui foram escolhidas possuem serventia didática.

A geografia humanista é vista como uma reação contra o que acreditavam ser uma visão extremamente objetiva, estreita, mecanicista e determinista do homem aplicada aos estudos das ciências humanas (ENTRIKIN, 1976; COSGROVE, 1978; LEY, 1981; POCOCK, 1983; GOLD; GOODEY, 1983; LEITE, 1998). No âmbito da geografia humanista, os estereótipos tendem a ser rejeitados em nome dos particularismos e da predominância das identidades em detrimento das questões de classe que massificam grupos humanos. A rejeição aos estereótipos no humanismo faz parte do arcabouço teórico-metodológico que sustenta as relações do ser com o mundo, particulares o suficiente para que as categorias e representações coletivas sejam evitadas.

No interior do *mainstream* da geografia crítica, o forte apelo social faz com que o alvo de desprezo preferencial sejam as representações que reproduzem discursos de classes dominantes. Assim, a oposição aos estereótipos centra-se naquelas representações vistas como nocivas aos oprimidos. Não é comum, no âmbito da abordagem crítica, algum tipo de empreendimento acadêmico que se aproxime de uma base desconstrucionista e que ataque toda forma de estereótipo; afinal, o *modus operandi* é a troca de uma metanarrativa por outra. Desta forma, podemos falar de “representações prediletas”. Não é de se surpreender que os partidários da pós-modernidade e os geógrafos críticos possam apresentar desenvolvimentos tão antagônicos ao ponto dos debates entre eles soarem – aos ouvidos de outrem – como uma conversa sem sentido⁴. A ojeriza às abordagens tidas como apartadas do compromisso com a vida material é sintetizada por Barney Warf:

⁴ Para compreender os antagonismos entre as bases do discurso crítico e o pós-moderno ver Barney Warf (1990); Terry Eagleton (1998); Edward Soja (1999); Butler (2002); Jean-François Lyotard (2009); Claudio Minca (2009). Dentro deste embate envolvendo a pós-modernidade, o pós-estruturalismo e a reflexão social, Oakes (1997) considera que o revigoramento do conceito de lugar realizado pelos pressupostos destas correntes criou um drama para as políticas culturais e sociais. Esta afirmação parte da perspectiva de que as posições dessas correntes implicam na criação da resistência quanto aos efeitos objetivos do capitalismo, patriarcalismo, colonialismo e nacionalismos, e, acrescentando por nossa iniciativa, uma miríade de outros “ismos”. Essa posição não é o mesmo que negar a atuação destas doutrinas sobre o comportamento humano, mas acreditar que é impossível isolar os seus efeitos sobre uma dada coletividade ou individualidade, já que os “ismos” atuam conjuntamente. Essa referida atuação conjunta das doutrinas nos faz entender que a contradição do pensamento e comportamento humano não é uma exceção. Fragmentos doutrinários congruem, antagonizam e se complementam caleidoscopicamente. O lugar é sem dúvida um terreno de lutas. Essas lutas, todavia, não podem ser totalmente encaixadas em termos de uma resistência às hegemonias históricas e espaciais. Fazendo uma contraposição entre pós-modernidade e modernidade, Timothy Oakes salienta: “O lugar, eu argumento, representa a geografia da modernidade e toda a sua riqueza contraditória” (OAKES, 1997, p.520). Com esta frase, o autor refere-se a pós-modernidade como conjunto retalhado de discursos modernos.

Quando divorciada de um sério entendimento da vida social, o discurso pós-modernista torna-se uma vazia celebração kafkaesca de aparências sobre a realidade, estilos acima dos conteúdos, imagens prevalecendo sobre a substância. Nesse respeito, o pós-modernismo pode ser tão desumanizador quanto o modernismo na abordagem destas lutas (WARF, 1990, p.588).

O pós-colonialismo, por sua vez, preocupa-se com os impactos da colonização nas sociedades contemporâneas, tanto em âmbito metropolitano quanto colonial. É um clichê afirmar que a colonização praticamente foi eliminada do mundo, mas as sequelas permanecem. As mais profundas marcas na paisagem alimentadas permanentemente por representações enviesadas ajudam a manter certas tradições que, na verdade, servem atualmente para diferenciação de posição social. Algumas narrativas do passado são tão poderosas ao ponto das ideias mais pueris e deslocadas temporal e funcionalmente ainda viverem: em um exemplo pueril, apostaríamos que no Brasil uma parcela expressiva da população conhece alguém que evita a combinação de manga com leite em sua dieta. Ashis Nandy (2015) argumenta que – contemporaneamente – a Inglaterra Vitoriana é mais facilmente localizada em várias regiões indianas do que em Londres. São exemplos de distorções espaço-temporais que tem nas representações formas de reelaborar não só a mente, mas o mundo material. Absorções coloniais que se perpetuam na pós-colonialidade (aqui compreendida como período) tornam-se tão coesas que se torna uma tarefa hercúlea separar traços oriundos da vernacularidade daqueles advindos da experiência colonial.

As noções de ambivalência [*ambivalence*] e mimetismo [*mimicry*] trazidas por Homi Bhabha (1984) instrumentalizam as múltiplas possibilidades de representação. A ambivalência torna-se instrumento por meio do paradoxo da imagem projetada do colonizador para o colonizado: às vezes pejorativa e por vezes atrativa, em formulações tão dinâmicas e híbridas ao ponto de se constituírem como uma quimera errante. O mimetismo, por sua vez, instrumentaliza as representações por intermédio da denúncia do caráter falacioso da missão civilizadora: o colono mimético busca reproduzir o colonizador, mas nunca se elevará à sua posição, ainda que se esforce em aprender a língua do dominador, se batizar em sua crença, ter o seu estudo e seu conhecimento de mundo e penetrar e se apropriar dos seus mais detidos recônditos cosmológicos. Ambivalência e mimetismo são processos que podem ser identificados em larga medida nas relações coloniais; todavia, os resultados que colhidos devido à visão ambivalente do colonizador e do mimetismo do colonizado são tão particulares ao ponto de – analisados em suas nuances – serem únicos, rondando a esfera identitária.

Edward Saïd (2007) nos fez alguns alertas que merecem ser problematizados. Além de argumentar que o orientalismo não é um só, o autor salientou que a resposta ao orientalismo não é ocidentalismo. Estes alertas inspiram-nos a pensar que estereótipos podem ser estereotipados. A discussão está presente no tópico a seguir.

ESTEREOTIPANDO ESTEREÓTIPOS

Como vimos, Edward Saïd (2007) teve o cuidado de afirmar que são muitas as manifestações orientalistas, fato reforçado por outros estudiosos da temática (MACFIE, 2002). Ainda assim, quando Saïd alega que a resposta ao orientalismo não é o ocidentalismo vai muito além de uma ideia contrária a revanchismos: o autor se opõe aos mecanismos descritivos simplórios, já que tem a consciência e nos lembra em vários momentos que ninguém é uma coisa só e que nenhum povo pode ser definido por um punhado de adjetivos.

Apesar disso, Saïd (2007) estabelece no trecho final de sua *magnus opus* uma tipologia que visa identificar as características do orientalismo. Ainda que seja claro ao dizer que esta tipologia não são categorias excludentes entre si, parece nos dar a impressão de esgotar as manifestações orientalistas, como se o orientalismo por si só tivesse limites discerníveis e fosse uma entidade descritível. É uma questão curiosa porque o próprio Saïd (2007) manifesta-se contrário a este tipo de construção ontológica. É sempre incômodo fazer crítica a Edward Saïd, não somente pela relevância do seu legado para os estudos culturais e pós-coloniais, mas pela densidade do seu texto permitir a abertura de interpretações que visitam a nublada fronteira entre o explícito e o não-dito. Todavia, o espaço para as críticas a Saïd é relativamente bem-marcado: Derek Gregory (1995) endossa a crítica de que a construção do orientalismo feita por Saïd é muito homogênea.

O exemplo das limitações apontadas no texto de Saïd (2007) é extremamente sutil e demanda experimentação para ser percebido. Por outro lado, são incontáveis os exemplos explícitos nos quais estereótipos produzidos sobre pessoas, povos e espaços são também – em uma espécie de paradoxo – definidos como se não fossem variáveis e pudessem ser facilmente categorizados em suas manifestações. Não é só na geografia crítica⁵, palco de grande fartura desse fenômeno paradoxal, que podemos identificar os estereótipos dos estereótipos. A problemática nos leva a questão: existem alternativas para escapar desta espécie de armadilha discursiva? É o que abordaremos no próximo tópico.

INTERMEDIÇÕES DISCURSIVAS

O viés sempre presente nas narrativas é um problema claramente historiográfico⁶, mas, acima de tudo, discursivo. Nas palavras de Hayden White (1981; 1984; 1988),

⁵ Falar da geografia crítica como uma entidade soa também paradoxal com o nosso desenvolvimento teórico. Como elaborou Denis Cosgrove (1990b), confiamos que o colapso dos limites tradicionais das disciplinas e subdisciplinas irão encorajar a proliferação da diversidade teórico-metodológica. É comum que as categorizações – incluindo as correntes de pensamento – enfrentem importantes tensões entre suas dimensões arbitrárias e as distintas percepções que impulsionam estranhamentos acerca das suas constituições. Entretanto, uma característica marcante da geografia crítica é justamente sua capacidade de enveredar e criticar a engenharia das relações de poder e suas consequências para o espaço e sociedade, utilizando, para tanto, diversas estratégias discursivas. Assim, é relativamente comum encontrarmos posições que estereotipam os estereótipos.

⁶ Para David Lowenthal (2015), o passado é um país estrangeiro. Com esta afirmativa, quer aludir às dificuldades que enfrentamos em narrar o passado estando deslocados temporalmente. Reforçando Lowenthal, Wishart argumenta que “o passado real não está disponível” (WISHART, 1997, p.116).

só existe história sob descrição; Louis Mink, por sua vez, salienta: “a narrativa é um tipo de unidade que torna a inclusão de alguns eventos necessária e de outros irrelevantes” (MINK, 1972, p.736). Endossando tais argumentos, Ana Maria Alonso (1988) acrescenta que as histórias (palavra aqui empregada no sentido de narrativas) são ideologicamente⁷ construídas. Constituem-se como “representações do passado organizadas por esquemas interpretativos e estratégias discursivas que produzem “efeitos da verdade”⁸” (ALONSO, 1988, p.50). Considerando este contexto, é importante lembrar que as narrativas são representações e, como tal, assemelham-se às pinturas de paisagem que se destacam por dar ênfase àquilo que capturou a atenção do pintor (ANKERSMIT, 2010).

Estes esclarecimentos sobre as representações e, mais detidamente, sobre as narrativas, possibilitam a apropriação da literatura como fontes passíveis de intermediação discursiva. Por isso, é obsoleta a questão de saber se no discurso literário – tanto poético como romanesco – o autor como pessoa está ausente e o “eu” é um puro sujeito da enunciação (COMBE, 2010); afinal, o viés e a narrativa são elementos indissociáveis.

Se nós podemos falar de narrativas dotadas de viés, precisamos entender as intermediações discursivas como um campo de batalha. Se algumas imagens são preponderantes, isto não quer dizer que são detentoras da verdade; são fruto de um resultado histórico das relações de poder, que para além da disputa por territórios e recursos, penetram no âmbito de um contestado terreno metafísico. Estereótipos costumam ser desconstruídos a partir de diferentes vieses, como vimos. É necessário, contudo, que os estereótipos sejam intermediados, pois vimos que os mecanismos de classificações deles – seja por tipologias ou pela criação de conceitos que servem como um anteparo totalizante – criam paradoxos discursivos. A intermediação, longe de se posicionar como a narrativa verdadeira, mitiga a postura totalizante que se porta como uma sombra da estrutura discursiva.

Como promover intermediações de representações? Vimos que nem mesmo a destreza de Edward Saïd (2007) o tornou imune às críticas quanto a construção

Felix Driver (1988) complementa a ideia, argumentando que a escrita histórica não pode estar completamente divorciada do domínio da política e da ideologia, pois, assim como todo conhecimento, é moldada por condições sociais específicas. O autor sintetiza: “O passado não é dado; é perpetuamente construído e reconstruído” (DRIVER, 1988, p.499).

⁷ É difícil conceber a construção de uma narrativa sem que a mesma receba forte influência ideológica, ainda que a ideologia se apresente de forma fragmentada, indireta e incompleta. James Anderson argumenta que as ideologias podem ser entendidas como sistemas de ideias que nos oferecem relatos parciais e distorcidos da realidade, servindo como um instrumento de interesse particular ou de um grupo ou classe social. De forma típica, é comum observar que as ideologias se apresentam como representações dos interesses de toda a sociedade (ANDERSON, 1973), o que responde pelos tradicionais apelos universalizantes da objetividade científica e, também, como uma forma de buscar a aceitação e disseminação nos corações e mentes que compõem a vida em coletividade.

⁸ Os “efeitos de verdade” empregados por Alonso (1988) referem-se às formas adotadas pela narrativa para se apresentarem como detentoras da verdade, livre de quaisquer dúvidas sobre os tempos idos.

relativamente homogênea do orientalismo, paradoxalmente um estereótipo dos estereótipos. Acreditamos que parcela expressiva dos que se aventuram em criticar Saïd não colocariam o seu pecado analítico nestes termos; mas é notória a insatisfação entre o desequilíbrio existente entre a crítica aguçadíssima, erudita, realizada por diferentes representações e o estabelecimento de uma tipologia centrada em quatro dogmas que abarcariam todas as manifestações orientalistas. Independente deste ponto de crítica, o próprio Saïd (2007) é um exemplo de bem-sucedida intermediação discursiva, tanto em *Orientalismo* quanto em *Cultura e Imperialismo* (SAÏD, 2011). Intermediar as representações exige entremear distintos vieses empregados em diferentes formas de comunicação. Isto nos permite considerar que romances, textos acadêmicos, pinturas, canções, monumentos, enfim, todo tipo de produção passível de carregar conteúdo simbólico, são expostos em seus vieses. Não nos referimos como viés um compromisso ideológico com uma corrente de pensamento ou ideologia política; estamos alinhados com a perspectiva de que ninguém é uma coisa só, como nos instruiu Edward Saïd (2007). Desse modo, os vieses apresentam-se como posicionamentos de âmbito identitário, sujeitos às influências das estruturas sociais que lhes envolve, mas não determinados.

Nesse processo de intermediação é importante considerar que a metanarrativa é despedaçada, o senso de verdade esvai e é evidenciado o terreno de lutas das representações, sem que tenhamos que em um nível epistemológico evidenciá-lo. Não significa dizer que esta é a fórmula mágica de um texto que busca ser neutro, que é a obsessão desajuizada envernizar cientificamente a abordagem. Temos a consciência que mesmo uma intermediação discursiva possui seu viés; o texto terá escolhas de organização muito particulares que carregarão invariavelmente a marca do autor. Todavia, são mitigados os efeitos do monopólio da verdade que caracteriza as metanarrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações são analogias imperfeitas da realidade intangível. Ao produzi-las, suprimimos uma quantidade significativa da experiência histórica e geográfica. As representações repousam em um terreno metafísico marcado pela dialética mente e matéria; este terreno é palco de uma guerra de narrativas e tem sido alvo de reflexão por parte de geógrafos culturais interessados em abordar de que forma as expressões culturais dominantes acabam espelhando e reforçando o *status quo* político e social. As representações passam pelo escrutínio de diversas correntes geográficas que escancaram elementos estereotipados trazidos pelos seus textos, sejam linguísticos ou imagéticos. Todavia, não é incomum que, ao desconstruir estereótipos, o intelectual penetre em um terreno paradoxal: o de estereotipar um conjunto significativo de imagens estereotipadas. Representações são complexas o suficiente para não serem descritas a partir de um elemento só. Portanto, mesmo dentro de uma temática, estereotipar representações diferentes é suprimir a diversidade imaginativa e a pluralidade da experiência humana.

São estes desafios do ato descritivo. Defendemos neste artigo a intermediação discursiva como forma de evitar o alardeado paradoxo. Para tanto, se faz necessário a construção de uma narrativa que se aproprie de diferentes pontos de vista e de linguagem (dentre textos, imagens). Esta estratégia nega a adoção de metanarrativas e, mesmo não discursando em uma linha ortodoxamente epistemológica, fica evidenciado o terreno de batalhas das representações. A intermediação discursiva, deste modo, além de mitigar os efeitos das narrativas enviesadas – ainda que não seja capaz de eliminá-los – mostra-nos como as expressões culturais são produzidas e reproduzidas em um contestado terreno de lutas sociais. Este parece ser um esclarecimento que precisamos ter em mente.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa não foi financiada por nenhuma agência de fomento. O autor agradece aos debates travados com o professor Dr. Alfredo Costa que serviram para enriquecer a reflexão epistemológica.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

O artigo é de autoria única. Afirmo que fui responsável por todas as etapas de sua elaboração.

REFERÊNCIAS

AGNEW, John. Regions on the mind does not equal regions of the mind. **Progress in Human Geography**, v.23, i.1, p.91-96, 1999. <https://doi.org/10.1191/030913299677849788>

AGNEW, John. Arguing with regions. **Regional Studies**, v.47, n.1, p.6-17, 2013. <https://doi.org/10.1080/00343404.2012.676738>

ALATAS, Syed Hussein. **The Myth of the lazy native**. London: Frank Cass and Company, 1977, 177p.

ALEGRIA, Maria Fernanda. Geografias do mundo imaginado. **Finisterra**, v.XLV, n.89, p.27-46, 2010. <https://doi.org/10.18055/Finis1351>

ALONSO, Ana Maria. The Effects of Truth: Re-Presentations of the Past and the Imagining of Community. **Journal of Historical Sociology**, v.1, n.1, p.33-57, March, 1988. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6443.1988.tb00003.x>

ANDERSON, Ben. Time-stilled space-slowed: how boredom matters. **Geoforum**, v.35, i.6, p.739-754, 2004. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2004.02.005>

ANDERSON, Ben. Affect. (In): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**, John Wiley & Sons, p.1-3, 2017.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008, 315p.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. The representation as the representation of experience. **Metaphilosophy**, v.31, i.1-2, January, 2000. <https://www.jstor.org/stable/24439302>

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. Truth in History and Literature. **Narrative**, v.18, n.1, p.29-50, January, 2010. <https://www.jstor.org/stable/25609383>

BHABHA, Homi K. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. **October, Discipleship: A special Issue in Psychoanalysis**, v.28, p.125-133, Spring, 1984. <https://www.jstor.org/stable/778467>

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BAKER, Alan R. H. An historico-geographical perspective on time and space and on period and place. **Progress in Human Geography**, v.5, i.3, p.439-443, September, 1981. <https://doi.org/10.1177/030913258100500309>

BALE, John. Mapping Vernacular Regions in the Classroom. **Journal of Geography**, v.82, n.6, p.274-276, 1983. <https://doi.org/10.1080/00221348308980418>

BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v.10, n.1, p.95-129, Verão, 2005.

BARROS, José D'Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. **Varia Historia**, v.22, n.36, p.460-476, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752006000200012>

BERQUE, Augustin. **Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos**. Geograficidade, v.2, n.1, verão, p.4-12, 2012. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2012.21.a12816>

BERQUE, Augustin. A cosmofania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, inverno, 2017. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2017.72.a12977>

BUTLER, Christopher. **Post-Modernism: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002, 167p.

CAPEL, Horácio. Neopositivismo e Geografia Quantitativa. (in): Capel, Horacio. **Ruptura e continuidade no pensamento geográfico**. Maringá: EDUEM, 2013, p.23-45.

CASEY, Edward S. Boundary, place, and event in the spatiality of history. **Rethinking History: The Journal of Theory and Practice**, v.11, n.4, p.507-512, 2007. <https://doi.org/10.1080/13642520701645552>

- COMBE, Dominique.** A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. **Revista USP**, n.84, dezembro-fevereiro, p.112-128, 2009-2010. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i84p113-128>
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo: Abril, 2010, 143p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**, v.94, p.1-11, 2016.
- COSGROVE, Denis. Place, landscape, and the dialectics of cultural geography. **The Canadian Geographer**, v.XXII, n. 1, p.66-72, 1978. DOI:10.1111/j.1541-0064.1978.tb01218.x
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New Directions in Cultural Geography. **Area**, v.19, n.2, June, p.95-101, 1987. <https://www.jstor.org/stable/20002425>
- COSGROVE, Denis. A terrain of metaphor: cultural geography 1988-89. **Progress in Human Geography**, v.13, i.4, p.566-575, December, 1989. <https://doi.org/10.1177/030913258901300406>
- COSGROVE, Denis. ...Then we take Berlim: cultural geography 1989-90. **Progress in Human Geography**, v.14, i.4, p.560-568, December, 1990a. <https://doi.org/10.1177/030913259001400405>
- COSGROVE, Denis. Landscape studies in geography and cognate fields of the humanities and social sciences. **Landscape Research**, v.15, n.3, p.1-6, 1990b. <https://doi.org/10.1080/01426399008706316>
- DANIELS, Stephen. Place and the Geographical Imagination. **Geography**, v.77, n.4, p.310-322, October, 1992. <https://www.jstor.org/stable/40572252>
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 185p.
- DICKENS, Charles. **Conto de Natal**. Rio de Janeiro: Rideel, 2003m 177p.
- DRIVER, Felix. The historicity of human geography. **Progress in Human Geography**, v.12, i.4, p.497-506, December, 1988. <https://doi.org/10.1177/030913258801200402>
- DUNCAN, James; Duncan, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environmental and Planning D. Society and Space**, v.6, p.117-126, 1988. <https://doi.org/10.1068/d060117>
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 182p.
- EDWARDS, Jess. Literature and sense of place in UK landscape strategy. **Landscape Research**, v.44, n.6, p.659-670, 2019. <https://doi.org/10.1080/01426397.2018.1518519>
- ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.66, n.4, P.615-632, December, 1976. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1976.tb01113.x>

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, 209p.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: Editora UFBA, 2008, 189p.

FOLCH-SERRA, Mireya. Geography and Post-Modernism: linking humanism and development studies. **The Canadian Geographer**, v.33, n.1, p.66-75, 1989.

DOI:10.1111/j.1541-0064.1989.tb00887.x

GILROY, Paul. Race ends here. Abingdon, Oxford: **Ethnic and racial studies**, vol.XXXI, nº5, pp.838-847, 1998. <https://doi.org/10.1080/014198798329676>

GOLD, John R.; GOODEY, Brian. Behavioural and perceptual geography. **Progress in Human Geography**, v.7, i.4, p.578-586, December, 1983.

<https://doi.org/10.1177/030913258400800406>

GRAHAM, Stephen. The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. **Progress in Human Geography**, v.22, i.2, p.165-185, 1998.

<https://doi.org/10.1191/030913298671334137>

GRATALOUP, Christian. **Os períodos do espaço**. Geographia, v. VIII, n.16, p.31-40, 2006. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2006.v8i16.a13520>

GREGORY, Derek. Between the Book and the Lamp: Imaginative Geographies of Egypt, 1849-1850. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.20, n.1, p.29-57, 1995. <https://doi.org/10.2307/622723>

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”**. Buenos Aires e Niterói: Clacso e Universidade Federal Fluminense, 2021, 321p.

HÄGERSTRAND, Torsten. Diorama, Path and Project. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, v.73, n.6, p.323-339, 1982.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-9663.1982.tb01647.x>

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior (in): HALL, Stuart - Sovik, Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2013.

HARRIS, Leila M. Imaginative Geographies of Green: Difference, Postcoloniality, and Affect in Environmental Narratives in Contemporary Turkey. **Annals of the Association of American Geographers**, v.104, n.4, p.801-815, 2014.

<https://doi.org/10.1080/00045608.2014.892356>

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978, 221p.

HARVEY, David. **Explanation in Geography**. Bristol: Edward Arnold, 1986, 345p.

HEATWOLE, Charles A. The Bible Belt: A problem in regional definition. **Journal of Geography**, v.77, n.2, p.50-55, February, 1978.

<https://doi.org/10.1080/00221347808980072>

- HUDSON, Brian J. The Geographical Imagination of Arnold Bennett. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.7, n.3, p.365-379, 1982. <https://doi.org/10.2307/621997>
- INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, v.25, n.2, p.152-174, 1993. <https://doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v.33, n.1, p.6-25, Jan./Abr., 2010.
- JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo: Difel, 1986, 345p.
- LANGTON, John. The Two Traditions of Geography, Historical Geography and the Study of Landscapes. **Geografiska Annaler**, v.70, n.1, p.17-25, 1988. <https://doi.org/10.2307/490738>
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, 121p.
- LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências-UFRJ**, v.21, p.9-20, 1998. https://doi.org/10.11137/1998_0_9-20 https://doi.org/10.11137/1998_0_9-20
- LEWIS, Bernard. **O que deu errado no Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 189p.
- LEWIS, Bernard. **Os assassinos: os primórdios do terrorismo no islã**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, 195p.
- LEWIS, Bernard. **A crise do islã: Guerra Santa e Terror profano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, 176p.
- LEWIS, Bernard. **A descoberta da Europa pelo islã**. São Paulo: Perspectiva, 2010, 232p.
- LEY, David. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.5, i.2, p.249-257, 1981. <https://doi.org/10.1177/030913258100500205>
- LOWENTHAL, David. **The Past is a Foreign Country**. New York: Cambridge University Press, 2015, 660p.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, 131p.
- MACFIE, Alexander Lyon. **Orientalism**. Londres: Person Education, 2002, 231p.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, 116p.
- MEREDITH, T. The upper Columbia valley, 1900-1920: an assessment of “boosterism” and the “biography of landscape”. **Canadian Geographer**, n.29, p.44-55, 1985. <https://doi.org/10.1111/j.1541-0064.1985.tb00275.x>
- MINCA, Claudio. Postmodernism/Postmodern Geography. (in) KITCHIN, Rob, THRIFT, Nigel. **Encyclopedia of Human Geography**. Elsevier, Amsterdam, 2009.

- MINK, Louis O. Interpretation and Narrative Understanding. **The Journal of Philosophy**, v.69, n.20, p.735-737, November, 1972. <https://doi.org/10.2307/2024670>
- MITCHELL, Don. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, v.20, n.1, p.102-116, 1995. <https://doi.org/10.2307/622727>
- MURDOCH, Jonathan. Towards a geography of heterogeneous associations. **Progress in Human Geography**, v.21, i.3, p.321-337, 1997. <https://doi.org/10.1191/030913297668007261>
- NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geotextos**, v.6, n.2, dez., p.163-186, 2010. <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v6i2.4835>
- OHMAE, Kenichi. **O fim do Estado-nação**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, 210p.
- OLIVEIRA, Livia de. Sentidos de lugar e de topofilia. **Geograficidade**, v.3, n.2, p.91-93, 2013. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2013.32.a12867>
- PILE, Steven. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v.35, n.1, p.5-20, January, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2009.00368.x>
- POCOCK, Douglas C. D. The paradox of human geography. **Area**, v.15, n.4, p.355-358, 1983. <https://www.jstor.org/stable/20001973>
- RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976, 156p.
- ROWNTREE, Lester. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.10, n.4, p.580-586, 1986. <https://doi.org/10.1177/030913258100500205>
- ROWNTREE, Lester. Orthodoxy and new directions: cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.12, n.4, p.575-586, 1988. <https://doi.org/10.1177/030913258801200409>
- SAÏD, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007, 431p.
- SAÏD, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, 441p.
- SCAZZOSI, Lionella. Reading and assessing the landscape as cultural and historical heritage. **Landscape Research**, v.29, n.4, p.335-355, 2004. DOI:10.1080/0142639042000288993
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da Silva. As evidências das práticas orientalistas como instrumento do imperialismo no pós-11 de setembro. **Geografias**, v.9, n.2, p.56-74, 2013. <https://doi.org/10.35699/2237-549X.13361>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. O embate entre Edward Saïd e Bernard Lewis no contexto da resignificação do Orientalismo. Niterói: **Revista Antropolítica**, n.40, 1º Semestre, p.280-306, 2016. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2016.1i40.a41786>

- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A supressão da geografia no exercício da alteridade. Fortaleza: **Geosaberes**, v.9, n.17, p.1-13, 2018. <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v9i17.620>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Segredos da Paisagem. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, v.22, n.2, p.133-151, 2020a. DOI:10.35701/rcgs.v22n2.665
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v.10, n.2, p.25-47, 2020b. DOI:10.33237/geotemas.v10i2
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Expressões militantes da paisagem. **Revista Percurso**, v.12, n.2, p.109-131, 2020c.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. A inadequação das regionalizações culturais mediante os pressupostos do pós-colonialismo. Salvador: **Geotextos**, v.14, n.1, p.225-247, 2018a. <https://doi.org/10.9771/geo.v14i1.26462>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v.16, n.1, p.27-41, 2018b. <https://doi.org/10.35699/2237-549X%20.2018.19236>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. O desconforto das regiões e das classes. **Geosp: espaço e tempo**, v.24, n.3, p.533-546, Dezembro, 2020a. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.173481>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Questionando as delimitações cartográficas da cultura. **Caminhos de Geografia**, v.21, n.73, p.445-457, 2020b. <https://doi.org/10.14393/RCG217349523>.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. A (i)materialidade da cultura. **Recital**, v.2, n.2, p.96-115, Mai./Ago., 2020c. <https://doi.org/10.46636/recital.v2i2.140>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo; MATOS, Geraldo Magela. Mapeando fenômenos intangíveis. **Mercator**, v.20, n.1, p.1-14, 2021. <https://doi.org/10.4215/rm2021.e20010>.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; SILVA, Juarez Augusto Silveira da. A (i)materialidade dos limites e da fronteira. **Para Onde!?** v.4, n.1, p.13-30, 2020. DOI:10.22456/1982-0003.102778
- SMITH, Neil. Geography, Science and post-positivist modes of explanation. **Progress in Human Geography**, v.3, i.3, p.356-383, 1979. <https://doi.org/10.1177/030913257900300302>
- SOJA, Edward W. In different spaces: The cultural turn in urban and regional political economy. **European Planning Studies**, v.7, n.1, p.65-75, 1999. <https://doi.org/10.1080/09654319908720501>
- THIEN, Deborah. After or beyond feeling? A Consideration of Affect and Emotion in Geography. **Area**, v.37, n.4, p.450-454, December, 2005. DOI:10.1111/j.1475-4762.2005.00643a.x

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THRIFT, Nigel. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, April, 2000. <https://doi.org/10.1068/d214t>

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Strangers and Strangeness. **Geographical Review**, v.76, n.1, jan, p.10-19, 1986. <https://doi.org/10.2307/214781>

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007, 145p.

WARF, Barney. Can the region survive post-modernism? **Urban Geography**, v.11, n.6, p.586-593, 1990. https://doi.org/10.2747/0272-3638.11.6.586_

WHITE, Hayden. The narrativization of Real Events. **Critical Inquiry**, v.7, n.4, p.793-798, Summer, 1981. <https://doi.org/10.1086/448133>.

WHITE, Hayden. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **History and Theory**, v.23, n.1, p.1-33, February, 1984. <https://doi.org/10.2307/2504969>.

WHITE, Hayden. Historiography and Historiophoty. **The American Historical Review**, v.93, n.5, p.1193-1199, December, 1988. <https://doi.org/10.2307/1873534>.

WILCOCK, A. A. Region and Period. **Australian Geographer**, v.6, n.3, p.39-40, 1954. <https://doi.org/10.1080/00049185408702298>.

WILLIAMS, Stephen Wyn. Realism, Marxism and Human Geography. **Antipode**, v.13, i.2, p.31-38, September, 1981. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.1981.tb00011.x>

WISHART, David. The selectivity of historical representation. **Journal of Historical Geography**, v. 23, n.2, p.111-118, 1997. <https://doi.org/10.1006/jhge.1996.0044>

WISHART, David. Period and region. **Progress in Human Geography**, v.28, n.3, p.305-319, 2004. <https://doi.org/10.1191/0309132504ph488oa>.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0